

Laranja Mecânica: do Livro ao Filme, do Filme às Polêmicas

Natália Abreu Damasceno (1)

Lançado em 1962, o livro *Laranja Mecânica*, do escritor inglês John Anthony Burgess, conta a intrigante história do jovem Alex (Malcom Mcdowell), que lidera um grupo de amigos cujos hobbies eram espancar pessoas, estuprar mulheres, beber moloko (leite aditivado com drogas) e ouvir Beethoven. Na trama, estes jovens estão inseridos num futuro incerto que apresenta uma Inglaterra mergulhada na desagregação social e regida por um governo de pretensões totalitárias, uma instituição de amplos tentáculos, sempre preocupada demais com a repressão política, enfrenta problemas com a criminalidade de gangues. Este complexo enredo, seja no texto literário ou na mais conhecida versão cinematográfica, provocou - e ainda provoca - diversas discussões, que vão da atual problemática sobre a formação de tribos urbanas até os limites do livre-arbítrio.

Nascido em Manchester no ano de 1917 e falecido em Londres, em 1993, Anthony Burgess foi, além de escritor, também compositor, professor e ex-oficial do exército inglês, servindo inclusive na II Guerra Mundial. *Laranja Mecânica*, seu décimo oitavo livro, possui uma forte influência da realidade que o autor encontrou em uma viagem à União Soviética em 1961. Lá, Burgess deparou-se com gangues de jovens, dentre eles os style-boys, que se assemelhavam aos hooligans, aos mods e aos teddy-boys da Inglaterra e cujas ações violentas ou criminais eram negligenciadas pela polícia local, excessivamente preocupada com crimes ideológicos cometidos contra o Estado.

Durante a década de sessenta o surgimento de grupos juvenis do subúrbio com indumentária, gosto musical, posicionamento político (ou a falta dele) e vocabulário próprio era algo sintomático. A juventude unia-se contra a crise econômica da década de setenta, que atingiu principalmente a classe operária. A realidade suburbana era de guetificação, de criação de identidade e de pertencimento. Assim, a gangue de Alex, com suas roupas brancas, suspensórios, coturnos, chapéus-coco e seu peculiar vocabulário era não só a representação ficcional da vida de alguns dos jovens pertencentes a esses grupos suburbanos como uma espécie de “profecia” (há quem prefira afirmar que seria uma “mãe”) para os grupos e movimentos existentes na atualidade.

A criação do vocabulário, estratégia que demarca a gangue de Alex e suas ações enquanto portadoras de uma identidade e estilo de vida próprios, origina-se da mistura de línguas dos dois lados da cortina de ferro: o cockney (dialecto falado pelos operários ingleses) e o russo. A própria palavra droog freqüentemente usada pelos personagens do filme significa em russo



“irmãos na violência”. Outro aspecto relevante é o modo como é praticada a ultraviolência. Os insultos, as humilhações, o uso de tacos de beisebol e bastões, e os chutes configuram um modus operandi similar aos ataques de tribos intolerantes noticiados na mídia global ou abordados em produções cinematográficas recentes a exemplo de Tolerância Zero (2001) e Botas de Aço (2006). Porém, ainda que provido dessa capacidade de suscitar debates e reflexões Laranja Mecânica apenas ganha visibilidade mundial após a polêmica adaptação cinematográfica homônima lançada em 1971 e dirigida pelo nova-iorquino Stanley Kubrick (1928-1999).

Dono de obras cinematográficas de grande repercussão, Kubrick começou sua carreira de cineasta aos 22 anos, trabalhando anteriormente como fotógrafo da revista Look. Conhecido por sua mente visionária, seus temas polêmicos e sua excentricidade, o diretor possui em sua filmografia películas de impacto, como Lolita (1962), Dr. Fantástico (1964), 2001: Uma Odisséia no Espaço (1968), O Iluminado (1980) e Nascido Para Matar (1987). Laranja Mecânica não fugiu ao padrão.

Lançado em tempos em que Charles Manson era condenado à morte, pessoas marchavam em protesto contra a Guerra do Vietnã, os índices de violência e criminalidade cresciam e a sociedade debatia estratégias de reeducação social, parece o filme ter ido além do que a década de 1970 estava preparada para ver. Apesar de manter-se fiel à narrativa do livro, que teve uma recepção razoavelmente permissiva, sendo devorado inclusive por jovens suburbanos que raramente liam, mas, desta vez identificavam-se com a trama, o filme provocou maior choque moral. Portador de uma visão mais pessimista da problemática, ao suprimir o último capítulo do livro, Kubrick explora toda a sexualidade e a violência da sociedade decadente que colhe os frutos do abandono. O último capítulo do livro de Burgess, que não foi lançado nas primeiras edições americanas, representa a chegada de Alex à maturidade, momento em que, ao se deparar com um amigo casado e com filhos, ele se questiona se quer voltar à vida das arruaças rotineiras ou se prefere tornar-se um cidadão “ajustado” na sociedade. O filme assume uma visão mais cética e amarga dessa juventude, retratando na cena final o retorno de Alex ao universo de seus instintos.

As cenas de Kubrick deixam ainda entrever a presença de estereótipos dentro do grupo de Alex. Figuras como o líder (representado por Alex), o brutamonte obediente (Dim) e a cabeça pensante que almeja a liderança (Georgie) são recorrentes se observarmos a estruturação interna de grupos deste tipo. Se tomarmos como exemplo o movimento skinhead ou suas representações na ficção, nos depararemos com diferentes indivíduos que possuem perfis e funções diversas a serem desempenhadas dentro de seus grupos. No filme This Is England (2006), do diretor Shane Meadows, ao tratar do surgimento do movimento skinhead



na Inglaterra da década de 1970, ficam visíveis tais estereótipos. Personagens como Woody (Joe Gilgun), o líder da gangue, Gary Gadget (Andrew Ellis), o obediente manipulado, e Combo (Stephen Graham), a liderança de ambições divergentes, se assemelham, no perfil e na hierarquia dos integrantes da gangue de Alex, bem como de grupos da realidade.

Tais estereótipos denunciam um padrão, cuja recorrência caracteriza esses grupos intolerantes. Outra característica comum também abordada é o conflito e as divergências que o contato desses diferentes perfis ocasiona. Em muitos casos observamos inclusive um cisma no grupo devido a essas diferenças. Em Laranja Mecânica é possível constatá-lo na seqüência em que após assassinar uma vítima, Alex é traído recebendo uma garrafada na cabeça de seus companheiros para que ele seja pego pela polícia. Assim, evidencia-se que a heterogeneidade desses grupos aparece como obstáculo determinante na articulação e organização dos mesmos.

Para além da proposta de uma anatomia de gangues intolerantes o filme, como o livro, propõe ainda discussões sobre a vida em sociedade. Para Kubrick, Alex simboliza o homem em seu estado natural, quando ainda não lhe haviam sido impostos os valores da civilização (KUBRICK, 1972). Porém, a obra questiona se a suposta selvageria da gangue dos “drugues” seria maior ou mais nociva que a selvageria das instituições sócio-políticas. A cena em que vimos os “drugues” Dim e Georgie tornados policiais do governo, denuncia que seus instintos e comportamentos violentos ainda são os mesmos, só que agora a sua selvageria é permitida, fardada e oficializada. Outro exemplo seriam as seqüências do tratamento Ludovico a que Alex é submetido. A cumplicidade e a passividade dos médicos e políticos envolvidos no processo diante da perda da capacidade de escolha, da privação da essência humana e do condicionamento mecânico das ações das “vítimas” do tratamento, revelam uma sociedade tão brutal quanto os “fanfarrões” das gangues.

Assim, Laranja Mecânica lança um olhar cético tanto para o indivíduo quanto para a coletividade. Não é a sociedade que corrompe o homem. Este é naturalmente violento e mau ao mesmo tempo em que a sociedade é corrupta por natureza, originando um movimento simultâneo de hostilidade. Na sociedade retratada por essa obra, vimos o abandono do homem pelo homem, um processo que resulta na formação de grupos que se recusam a viver “ajustados” em um contexto que não lhes diz respeito, e o abandono da essência humana endossado pela própria coletividade a fim de tornar os indivíduos bons, aptos a fazer o bem.

Na época, a película foi alvo de forte censura e repressão por parte de grupos católicos e liberais, da mídia e da própria polícia. No Brasil, o filme só foi veiculado em 1978, ainda assim, com bolinhas pretas para esconder a nudez. Na Inglaterra, onde o filme só foi permitido em 1999, dizia-se que incitava a criminalidade e que suas cenas inescrupulosamente



violentas despertavam o que havia de pior nos espectadores. Assim, passou-se a buscar a existência de gangues e crimes tais quais os de Alex, havendo inclusive uma classificação dentro do departamento de polícia de muitas ocorrências como Clockwork crimes, atribuindo à película de Kubrick a responsabilidade por estes atos ilegais.

Porém, a repercussão de Laranja Mecânica foi diferente entre alguns jovens, especialmente os da classe operária. Foram eles moralmente afetados e/ou influenciados como muitos temiam? Da mesma forma que o livro virou leitura obrigatória, a indumentária virou uniforme e o filme uma homenagem àqueles que assim como Alex viviam em grupos marginalizados providos de leis próprias. Aparentemente, a obra não os motivou aos comportamentos e aos cotidianos que levam, ela apenas os legitimam, leva-os às vistas da sociedade.

O resultado do contato inicial com a representação dessa realidade na ficção foi a repulsa. Mas quanto ao contato com a própria realidade, que posicionamento assumimos? Assim, Laranja Mecânica incita-nos, em última instância, a refletir não somente sobre a existência de grupos intolerantes, os quais se fazem frequentemente presentes na mídia e na web, mas também sobre quem somos (nós e nossas instituições) e que postura devemos assumir diante dessas problemáticas da modernidade.

Nota

1 Graduanda em História. Universidade Federal de Sergipe. Programa de Educação Tutorial (PET)/ UFS. Grupo de Estudos do Tempo Presente/ UFS .e-mail: natalia@getempo.org

Texto originalmente produzido para apresentação no “II Ciclo Interno de debates sobre cinema e história Do GET: Intolerância, Neofascismos, Tribos Urbanas”, em 19/01/2010.

Referências Bibliográficas

A CLOCKWORK ORANGE (HISTORICAL CONTEXT). Disponível on-line via acesso em 19/01/2010.

BUGGE, Christian. **The Clockwork Controversy**. Disponível on-line via acesso em 19/01/2010.

CAMUS, Jean-Yves. **Skinheads**. In: MEDERIOS, Sabrina Evangelista, SILVA, Francisco Carlos Teixeira da, VIANA, Alexander Martins. Dicionário crítico do pensamento da direita: idéias, instituições e personagens. Rio de Janeiro: FAPERJ/Mauad, 2000. p.417-419

COSTA, Márcia Dias. **Carecas do Subúrbio: caminhos de um Nomadismo Moderno**. Petrópolis: Vozes, 1993.



DAMASCENO, Natalia Abreu. **Skinheads e cinema: A Outra História**. Rio de Janeiro: Revista Eletrônica Boletim do TEMPO, Ano 4, Nº17, Rio, 2009 [ISSN 1981-3384]. Disponível on-line via acesso em 20/01/2010.

MAYNARD, Dilton. **Além do que se vê: o filme, objeto da história** Disponível on-line via <www.getufs.blogspot.com>acesso em 04/01/2010.

PINA, Luís Eduardo. **Possibilidades de utilização do filme no ensino de história**. Disponível on-line via <www.getufs.blogspot.com>acesso em 04/01/2010.

SALAS, Antonio. **Diário de um skinhead: um infiltrado no movimento neonazista**. Trad. Magda Lopes. São Paulo: Planeta, 2006.

SILVA, F.C.Teixeira da. **O Terceiro Reich: o Império do Terror**. CABRAL, Ricardo, MUNHOZ, Sidnei, SILVA, F.C.Teixeira da. Impérios na História. Rio de Janeiro: Elseviers, 2009.

TELES, Paulo. **Filmando a intolerância representações de skinheads e hooligans no cinema no século 21**. Digitado.

THE HECHINGER DEBACLE. Disponível on-line via acesso em 01/02/2010.